

À LAIA DE INTRODUÇÃO

Em 1972, estreou-se um dos mais emblemáticos filmes de Woody Allen, que entre nós teve o anódino título de *O ABC do Amor*. O título original, todavia, era o bem atrevido: *Everything You Always Wanted to Know About Sex* But Were Afraid to Ask* (*Tudo o que sempre quis saber sobre sexo mas tinha medo de perguntar*).

Confesso que, durante a escrita deste despretensioso livro, o filme de Woody Allen me veio várias vezes à lembrança. Não pelo tema, claro, mas pela lógica que presidiu às histórias que se seguem e pelas quais o leitor irá, assim espero, embrenhar-se dentro em pouco. Na verdade, neste livro estão arroladas algumas dezenas de questões sobre a História de Portugal, algumas das quais, creio, já terão bailado na mente do leitor, ainda que não me pareça que tivesse alguma vez tido *medo de perguntar*; simplesmente... nunca terá calhado. Questões que se espraiam desde a pré-nacionalidade até à contemporaneidade; que abordam temas que vão do mero quotidiano até assuntos ligados à

economia, à política, à cultura e à sociedade. Enfim, questões que pretendem lançar alguma luz sobre um amplo leque de assuntos que preenchem a nossa História Pátria.

Reconhecemos, claro, que estas questões não esgotam as problemáticas da nossa longa existência coletiva. Nem perto disso, caramba... Muitas outras se poderiam levantar, num rol quase inesgotável de temas, de problemas e de dúvidas. Estas questões são apenas um fogacho, um lamiré, uma pontinha de um enorme icebergue. No fundo, escolhemos estas porque, de algum modo, elas cobrem a nossa multimilenar História focando múltiplas temáticas de importância variável e desigual, é certo. Mas há uma coisa que gostaríamos de salientar: o objetivo é que cada questão fosse um pretexto para falar da época e da conjuntura respectivas. No fundo, cada questão é uma desculpa para falar de assuntos um pouco mais complexos partindo de perguntas *simples*. Perguntas às quais talvez o leitor sempre quis saber as respostas, mas nunca perguntou... porque não calhou. É possível que nestas páginas encontre então algumas dessas respostas. Se assim não for, encare as linhas que se seguem como um incentivo para investigar um pouco mais e, deste modo, forjar as suas próprias respostas.

Tenho a noção de que por vezes optei por interpretações discutíveis. Dificilmente poderia ser diferente. Estas respostas não são definitivas, nem o poderiam ser. Para além dos factos em si (seja isso o que for), há sempre outras interpretações, diversas opiniões, novas análises, entre as quais temos de optar pela que mais concordamos. Por isso, repito que a intenção deste livro é ser mais um ponto de partida do que um ponto de

chegada. E como o leitor verá, no fim de cada artigo há uma sugestão de leitura que deixo ao seu arbítrio seguir.

Outro risco que assumo é o da excessiva simplificação. Sei bem que, aqui e ali, estas explicações correm o risco de simplificar questões que sugeririam maior complexidade de análise. De igual modo, dificilmente poderia ser diverso, tendo em conta as características deste livro e a dimensão (necessariamente breve) das respostas. Aqui, uma vez mais, refugio-me comodamente na bibliografia aconselhada.

Um derradeiro esclarecimento. Decidi, por motivos de arrumação e organização, arrolar as questões por épocas. Para tal escolhi três grandes épocas: a *História Antiga e Medieval*, que vai desde a Antiguidade Pré-Romana ao final da Idade Média (século xv); a *Época Moderna*, que vai desde os alvares da Expansão e da lenta e gradual formação do Estado Absolutista até ao fim do Antigo Regime (século xix); a *Época Contemporânea*, que vai desde o triunfo da Monarquia Liberal/Constitucional até aos nossos dias.

E é tudo. Resta-me desejar que o leitor tenha, ao ler este livro, o prazer que eu tive ao escrevê-lo.

HISTÓRIA ANTIGA E MEDIEVAL

Sobre a Idade Média disse um dia o historiador oitocentista francês Jules Michelet: “Mille ans, nul bain” (Mil anos sem um banho).

Apesar da sua sagesa, Michelet reproduzia afinal velhos e relhos preconceitos sobre a Idade Média. Acontece aos melhores. A realidade da Idade Média é, porém, bem diferente... Bem diferente mesmo. Bem menos intolerante, bem menos boçal e bem menos atrasada do que pensamos. E já agora, tão suja como a época que lhe sucedeu. Foi, enfim, a época em que a nossa Europa foi jovem e se forjou, com todas as contradições típicas dos adolescentes...

1 – Lisboa foi fundada por Ulisses?

Fala-me, Musa, do homem astuto que tanto vagueou, / depois que de Troia destruiu a cidadela sagrada. / Muitos foram os povos cujas cidades observou, / cujos espíritos conheceu; e foram muitos no mar / os sofrimentos por que passou para salvar a vida, para conseguir o retorno dos companheiros a suas casas.

Homero, *Odisseia*, Proémio, trad. de Frederico Lourenço

Recordemos a história narrada por Homero em *A Ilíada* e na *Odisseia*. Ulisses era rei da ilha grega de Ítaca. Quando se desencadeou a guerra entre a Grécia e Troia, Ulisses foi incorporado no exército helénico. Dez anos durou a guerra, só se concluindo quando o estratagema do Cavalo de Troia – aliás, gizado por Ulisses – foi executado com sucesso. Depois da queda de Troia, Ulisses regressou a Ítaca. Porém, este regresso revelou-se atribulado e perigoso, demorando o herói mais dez anos numa tormentosa e dura viagem, nos quais

enfrentou perigos vários em muitos locais e desvairados territórios.

De acordo com um velho mito, no seu atribulado regresso a Ítaca, Ulisses teria passado pelo sítio de Lisboa, onde encontrou um povo que falava uma língua não muito diferente da grega. Os habitantes desse sítio diziam-se descendentes de Luso, filho do deus Dionísio, por isso se chamando a si mesmos lusíadas. Ulisses ergueu então um templo em honra de Pallas Ateneia, nele depositando muito do espólio trazido do saque de Troia, e batizou o sítio com o nome de Ulisseia. O local passaria assim a chamar-se Ulisseia, o que originaria a designação greco-latina de Olissipo, génese do nome de Lisboa. A semelhança entre os nomes Ulisses, Ulisseia e Olissipo são inquestionáveis. No fundo, o onomástico transformou-se em toponímia.

Este mito tem múltiplas variantes de que não compete aqui deixar detalhes. Uma delas refere que o herói grego teria chamado a sua filha Boa para terminar a sua obra no sítio à beira-Tejo onde teria aportado, já que o herói queria sobretudo regressar a Ítaca e não quedar-se por aqui. O nome da futura capital lusa seria assim uma conjugação dos nomes *Ulisses + Boa*. E já que estamos no mundo dos mitos, diga-se que uma outra lenda refere que Ulisses, aquando da sua estadia neste cantinho da ocidental praia, teria descoberto Aquiles disfarçado de menina nos arredores do estuário do Tejo onde, mais tarde, nasceria Lisboa. Em homenagem a Aquiles, deu-se ao lugar o nome de Chelas?

É óbvio que estamos no campo do mito, nada contando para aqui a realidade histórica. Ulisses é uma personagem

mitológica e nem a *Odisseia* sugere em momento algum que por aqui ele tenha passado. De qualquer forma, é uma lenda bonita. Mas é também verdade que as lendas costumam sê-lo, ou não será assim?

Podemo-nos interrogar se alguma vez esta lenda foi tomada a sério por alguém. Pergunta inútil, porque há sempre alguém pronto a crer nas mitologias e nas lendas; mesmo não as encarando como verdades literais, delas há sempre quem retire dados e contributos para a História. E não dizemos isto com um sorridente desdém pela credulidade alheia, pois temos de ter presente que a mitologia clássica foi, durante séculos, levada historicamente a sério. Os próprios autores romanos, desde logo esses, mesclavam pormenores míticos a dados factuais, sendo difícil discernir uns dos outros. Assim fizeram Plínio, o Velho, Estrabão ou Varrão. Até o padre António Vieira levou este mito olissiponense a sério ao acusar Ulisses de usurpação, já que, para Vieira, Lisboa teria sido fundada por Elisa, bisneta de Noé, o que tornava a nossa capital meio milénio mais antiga que Roma.

Enfim, Ulisses nunca morou aqui. Mas é uma bela história, mesmo assim...

Se quiser saber mais:

Magda Pinheiro, *Biografia de Lisboa*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2011.

2 – *Descendemos dos lusitanos?*

Dizem que os lusitanos (...) são ágeis e de grande destreza. Usam um pequeno escudo de dois pés de diâmetro que é preso ao corpo por correias de couro porque não tem nem braçadeiras nem asa. Usam um punhal ou um gládio. A maior parte dos guerreiros veste couraças de linho, e apenas alguns cotas de malha e capacete de tríplice cimeira. Os peões calçam polainas de couro e estão armados com lanças de ponta de bronze.

Estrabão, *Geografia*

Antes de mais, quem eram os lusitanos? Eram um povo que habitava a região ocidental da Península Ibérica cuja origem é controversa. Há quem defenda que são um povo de raça pré-indo-germânica, descendente de povos meridionais norte-africanos; outros filiam-nos no conjunto de povos indo-europeus com ascendência celta.

As descrições que temos dos lusitanos remontam aos autores romanos, como Estrabão, Tito Lívio ou Políbio, e descrevem um povo que vivia em povoados (castros) geralmente muralhados e com ruas lajeadas, situados no cimo de montes ou colinas, com casas redondas ou retangulares com telhados de colmo, possuindo cozinha, lareira e divisões internas. Tinham instrumentos musicais e seriam amigos da dança. A sua estrutura social era de cariz guerreira, não obstante desenvolverem a pastorícia e a agricultura. Seriam combatentes determinados, com táticas militares elaboradas e, embora utilizassem emboscadas com frequência, praticavam um tipo de combate mais ofensivo do que defensivo. Crê-se que também as mulheres receberiam algum treino militar.

Em sociedade tinham uma vida assaz comunitária e com um inato respeito pelos mais velhos. Comiam pão de bolota, leite de cabra e cerveja de cevada, reservando o vinho para festas. Dizem alguns autores que, quando algum deles estava doente, postava-se à beira de um caminho, esperando que passasse alguém que tivesse tido maleita igual e o pudesse aconselhar. Menos simpático seria o hábito de fazerem sacrifícios humanos.

Bom, as descrições prosseguem, mas não cabe aqui narrar muito mais. Ora, foi este povo aguerrido e resistente que os romanos encontraram quando para aqui vieram, no contexto da Segunda Guerra Púnica (218 a.C.-201 a.C.), e que se lhes opôs com algum sucesso, até à total pacificação, por volta de 150 a.C.. A partir de 29 a.C., a Lusitânia passou a ser uma província romana. Diga-se desde já que os limites da província romana da Lusitânia não coincidem com os do atual Portugal. A norte, a província partia do rio Douro até ao extremo sul (atual Algarve). Mas a leste entrava bem dentro do que hoje é território espanhol.

Bom, e a resposta à pergunta: Descendemos mesmo dos Lusitanos? Numa resposta prudente, podemos dizer que isso é muito duvidoso. Depois da ocupação romana, os lusitanos romanizaram-se; depois dos romanos outros povos por aqui passaram, desde os godos até aos árabes. Isto para não falar de outros mais, ainda que sem ocuparem o território, como foi o caso dos fenícios, por exemplo. Todos se mesclaram e nós somos feitos dessa mescla. Por isso, não é possível falar de uma descendência direta. Quando muito, podemos falar de uma descendência indireta e inserida numa mistura com outros povos.

Temos tanto de sangue lusitano como de sangue romano, godo ou até árabe. Não é verdade que um estudo recente de uma universidade portuense constatou a comprovada existência de genes berberes na nossa população? [Cf. Luísa Pereira e Filipa Ribeiro, *O património genético português*, Lisboa, Gradiva, 2010.]

Então como surgiu o mito de uma associação entre lusitanos e Portugueses? A ascensão dos ideais nacionalistas no século XIX levou a uma busca das origens e das especificidades culturais, civilizacionais e ráticas de cada povo. Uma origem específica era sinal de um povo dotado de uma originalidade particular e que podia reivindicar um espaço próprio no concerto das nações. Se isto foi evidente nos países em busca de independência ou de unificação (Alemanha, Itália, Escócia, Irlanda, Grécia...) foi também notório nos países já independentes. Foi a época das grandes obras de arte de cunho nacional-medieval (o romance histórico nasce aqui), de arte revivalista e de busca das origens. Os lusitanos estavam ali mesmo à mão de semear. Mas uma relação direta é, como se viu, abusiva. Porém, não será impróprio fazermos remontar o estudo da nossa História a esses primeiros habitantes do espaço português. Ou parte dele. Afinal, eles estavam lá... E fazem parte da nossa História.

Se quiser saber mais:

Artigo "Lusitanos", in *Dicionário da História de Portugal*, Porto, Livraria Figueirinhas, 1981, vol. IV.